

# **TERRITÓRIO COMO PALCO CULTURAL: ESTUDO DA APROPRIAÇÃO CULTURAL DA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA PARATIBE EM JOÃO PESSOA – PB.**

**Caio Henrique Gomes de Aguiar<sup>1</sup>**

## **1 INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta uma discussão sobre o território compreendido como palco essencial para proteger e manter a cultura de comunidades tradicionais, sobretudo de territórios quilombolas. Dedicar-se neste trabalho, dar visibilidade e salvaguardar o território quilombola e reforçar o pertencimento cultural da comunidade. Além disso, destacamos a importância do território como um espaço físico e simbólico onde as práticas culturais se desenvolvem e se enraízam.

Falar sobre comunidades tradicionais, é falar sobre cultura e resistência. Conforme afirma Viana (2007, p. 37), “[...] como sucede em todos os tempos, submissão e resistência conviviam lado a lado”. Nessa correlação podemos evidenciar a cultura como um condicionamento da resistência, onde se procura, sobretudo nas comunidades tradicionais, afrontar o eurocentrismo imposto e estabelecer no território as tradições praticadas que permeiam por gerações. Este artigo então, propõe o debate acerca da relação entre o território quilombola e a manifestação cultural da comunidade neste território, evidenciando as práticas ali ainda desenvolvidas, e as que foram se dissipando com o passar do tempo. Nosso propósito é refletir sobre o território como palco das manifestações culturais de uma comunidade tradicional, mais especificamente do quilombo.

---

<sup>1</sup> <http://lattes.cnpq.br/5245666714206204>

Nesse intuito, desenvolvemos uma pesquisa preocupada em dá voz aos quilombolas, permitindo a eles, contarem suas próprias perceptivas e experiências, nessa relação entre cultura e território. Foi utilizada assim, a metodologia da pesquisa oral que emerge como uma abordagem fundamental para capturar as nuances da vida cultural e social dessas comunidades, permitindo que as vozes e experiências dos membros sejam ouvidas e registradas de forma autêntica.

No primeiro momento refletimos sobre a relação entre cultura e território no quilombo trazendo uma bagagem bibliográfica e vertentes importantes nesta temática e conseqüentemente ressaltando a importância desta relação entre território quilombola. Posteriormente destacamos a oralidade como metodologia e a Comunidade Remanescente Quilombola Paratibe como objeto de pesquisa do artigo. Como resultado trazemos os diálogos dos quilombolas ressaltando sua cultura, seu território, e suas problemáticas frente ao desenvolvimento urbano sobre a comunidade.

Essas comunidades, muitas vezes habitam áreas rurais, florestais, costeiras ou outras regiões onde dependem diretamente dos recursos naturais para sua subsistência e sustento. Apesar disso, muitas dessas comunidades enfrentam uma barreira em permanecer nestes territórios, sendo apropriado pelo crescimento urbano das cidades. Problematização recorrente em quilombos urbanos, como é o caso da Comunidade Remanescente Quilombola Paratibe em João Pessoa, Paraíba.

A Comunidade Remanescente Quilombola Paratibe, abraça esta pesquisa como objeto de estudo, comunidade esta, que se localiza na cidade de João Pessoa no estado da Paraíba, dentro do bairro também chamado de Paratibe.

A comunidade é uma das maiores da Paraíba e uma das três únicas comunidades quilombolas urbanas do estado, tendo a particularidade de ser fracionada dentro do Bairro de Paratibe, sendo suas parcelas tituladas por Gleba I, II, III, IV e V.

A partir da análise realizada pelo IBGE 2022, é atribuído a comunidade as especificidades de um quilombo urbano, onde resiste em meio ao crescimento da cidade e encurralado de loteamentos, habitações sociais, vias de grandes fluxos e especulação imobiliária (G1, 2023)

De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2022 o território quilombola de Paratibe, possui 3.761 moradores dentre eles apenas 1.054 são quilombolas e reúne cerca de 180 famílias, sendo o 6º com mais moradores do Brasil.

No relatório antropológico de caracterização histórica, econômica, ambiental, e socioambiental solicitado pelo INCRA para demarcação territorial do Quilombo de Paratibe feito entre 2007 a 2012, o RTID, se extraem aspectos relativos a algumas atividades dos quilombolas, sobretudo como sendo uma comunidade ancestral e que desenvolviam trabalhos de subsistência. As tarefas dos quilombolas de Paratibe eram mais voltados ao extrativismo, como a pesca, a catagem de caranguejo, camarão e a coleta de frutos, além de criação de animais, como galinhas e porcos. Para realizar as atividades produziam manualmente os instrumentos como armadilhas para pegar caranguejo e a rede para pesca. Como a vivência do quilombo era realizada de forma coletiva, eles utilizavam dos espaços abertos em torno das casas para executar essas tarefas, além de praticarem suas atividades culturais. Portanto, a Comunidade Remanescente Quilombola de Paratibe pode ser caracterizada pela questão de apropriação coletiva da terra, pela forte presença da cultura negra, pela identidade e relação histórica com o território.

## **2 SER QUILOMBO, SENDO URBANO, SENDO CULTURAL**

Comunidades tradicionais como os quilombos, são grupos que mantêm laços estreitos com o ambiente natural e que, ao longo do tempo, desenvolveram modos de vida, conhecimentos e práticas culturais específicas, transmitidos de geração em geração (PATEO, 2016).

Uma definição amplamente aceita é a apresentada pelo Decreto Federal nº 6.040/2007, que estabelece a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Segundo esse decreto:

Consideram-se povos e comunidades tradicionais aqueles que se reconhecem como tais, que têm formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL,2007)

Essa definição reconhece a diversidade de povos e comunidades tradicionais presentes no Brasil, destacando sua relação íntima com o território, cultura e tradições transmitidas ao longo das gerações. Como é o caso das tradições e vivências de um quilombo, que carrega origens africanas e cultura ancestral.

Os quilombos surgiram como sinônimo de fuga, mas que também desenvolveram formas próprias de organização social, religiosa e outras formas de manifestações culturais que passaram a funcionar como símbolos característicos da sua etnicidade. De acordo com Silva (2010), os quilombos eram "espaços de resistência e de luta pela liberdade", onde os escravizados buscavam escapar das condições desumanas da escravidão. Essas comunidades eram autônomas e auto-organizadas, muitas vezes localizadas em regiões de difícil acesso, como matas densas, montanhas e áreas remotas, o que dificultava a ação das autoridades coloniais. E este espaço territorial desempenha um papel central na preservação e na continuidade das tradições e rituais, tornando-se um palco de manifestações culturais dessas comunidades.

O território, neste caso, como defendem Bonnemaïson e Cambrezy, (1996, p. 10, apud Haesbaert,2004, p. 71), "não diz respeito apenas a função ou ao ter, mas ao ser", são formas de apego cultural no território. Bonnemaïson e Cambrezy (1996), continuam:

O poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas, também, éticos, espirituais e afetivos. É

assim, que o território cultural precede o território político e com ainda mais razão precede o espaço econômico (BONNEMAISON e CAMBREZY, 1996, p. 10, apud HAESBAERT, 2004, p. 71).

Sendo território um conceito chave para a pesquisa, se absorveu de Rogério Haesbaert (2004, p. 3) a ideia de que “a territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais”. Kabengele Munanga (2017), contribui também com a pesquisa, esclarecendo que os territórios quilombolas são fundamentais para a preservação das tradições culturais africanas no Brasil, incluindo práticas religiosas, manifestações artísticas, culinária, música e dança. Essas práticas culturais estão intrinsecamente ligadas ao território, sendo transmitidas de geração em geração e moldando a identidade quilombola.

A relação dos sujeitos com seu território desvela sentimentos, valores e preferências transmitidos através de gerações que construíram sua própria cultura, seu modo de vida, e atribuíram, para além do valor material, um valor simbólico à terra, à mata, ao rio, elementos formadores de identidades e alteridades. O território transcende a dimensão objetiva da reprodução de necessidades básicas e das relações de poder, ao incluir uma outra dimensão – subjetiva e simbólica, identitária, afetiva e cultural – fundada pela prática social. (PEREIRA & PENIDO, 2010, p.258)

Portanto, a relação entre território e cultura no quilombo é indissociável, pois o território não apenas abriga as práticas culturais das comunidades quilombolas, mas também é moldado por elas, refletindo a identidade e a resistência dessas comunidades. Ao se pensar cultura e território temos uma visão de conjunto, em que uma coisa não existe sem a outra.

Por essa razão é que relacionamos cultura e território, pois ambos levam-nos a compreensão da importância de comunidades tradicionais como o quilombo. E a cultura emerge como símbolo de resistência coletiva dentro da comunidade em continuar existindo e produzindo dentro e fora do âmbito do território ocupado. "Cultura seria todo comportamental, incluindo o

emocional e o intelectual, de um povo ou, em menor escala, de uma coletividade" (GOMES, 2013, p. 34).

O autor Diegues Júnior (1960) em seu estudo sobre a cultura do Brasil, esclarece que um conjunto de pessoas que estão próximas em determinado espaço, unido pela economia e aspectos sociais dá origem há um tipo próprio de cultura, e isso faz com que a mesma se diferencie de uma outra cultura. "Espaços territoriais definidos por certas características que dão unidade de ideias, de sentimentos, de estilos de vida a um grupo populacional" (1960, p.7).

E essas diferentes culturas apresentam mutações, tanto em relação ao tempo como de diferentes territórios. Segundo KUPER (1999) falar em território e cultura, é analisar o presente com base em algo que é dado pelo passado e que vem apresentando diversas configurações. Já Scheren-Warren (1998) enfatiza que determinado espaço, junto a ação dos agentes no mesmo, dá origem a uma cultura local específica e assim favorece a pluralidade cultural a partir de seus territórios de origem. Tudo isso baseado em ações coletivas dos agentes, e nas relações de poder dentro do território.

Só assim, podemos refletir sobre a cultura de uma comunidade quilombola como algo mutável, que abriga transformações com o passar do tempo e a partir de ações externas envolvidas. E pensar em território como um determinante na sobrevivência e na dinâmica dos costumes e tradições destas populações, influenciando em suas formas culturais, principalmente no que se refere aos quilombos urbanos.

Quilombos assim, apresentam uma problemática, o avanço urbano que coloca pressão sobre as áreas quilombolas, levando à necessidade de adaptação às novas condições urbanas. E explorar essa temática nesta pesquisa é um meio de defender este território e seus valores culturais que se contrapõem à homogeneização urbana.

Neste sentido, os assim chamados "quilombos urbanos" contemporâneos se configuram como grupos sociais de resistência a

um sistema de exclusão, comunidades de ascendência marcadamente negra – mas não exclusivamente –, no geral empobrecidas, com ethos e costumes diferenciados dos grupos que lhes circundam. Um confinamento espacial é proporcionado pela marginalização por parte das políticas públicas. A ausência de políticas específicas para um contingente dotado dessa peculiaridade histórica e a precariedade das políticas universalistas conformaram os “quilombos urbanos” como espaços socialmente distantes (OLIVEIRA; D’ABADIA, 2015, p. 269).

Essa expansão urbana e a pressão por desenvolvimento imobiliário podem ameaçar os territórios quilombolas urbanos, resultando em remoções forçadas, perda de identidade cultural e fragmentação das comunidades (Nascimento, 2020).

### **3 METODOLOGIA**

Visando buscar dados acerca da apropriação territorial, e da relação desta com a cultura, foi estabelecido um vínculo orgânico juntos aos quilombolas de Paratibe com o intuito de resgatar as suas memórias e promover a sua participação ativa na pesquisa, contribuindo para um entendimento mais inclusivo. Esta etapa fortalece também os próprios quilombolas em rememorar sua cultura e fortalecer suas tradições.

Dessa forma foi necessário desenvolver a pesquisa valorizando e registrando os relatos dos quilombolas da comunidade a partir da oralidade. As comunidades tradicionais reforçam sua cultura repassando suas tradições de pai para filho, de geração em geração, através da oralidade. Conduzir pesquisas orais na temática quilombola desempenha um papel crucial na compreensão aprofundada das experiências, e das práticas culturais da comunidade. Ferreira (2018) informa que a pesquisa oral é uma fonte de reconhecimento e respeito diante às tradições e vivência que muitas vezes não são abordadas em fontes tradicionais.

Promovendo uma pesquisa fundamentada em princípios participativos, inclusivos e culturais, trazemos para o estudo a metodologia de rodas de conversa, promovendo a participação ativa das comunidades, respeitando suas tradições orais e permitindo uma construção coletiva do conhecimento. Enxergamos a roda de conversa como um hábito corriqueiro na Comunidade Quilombola de Paratibe e dessa forma, uma estratégia valiosa em obter informações relevantes de forma mais orgânica e dentro de sua cultura baseada na coletividade.

Silva (2017), fortalece essa ideia, elencando que o formato de rodas de conversa respeita e preserva a rica tradição oral das comunidades quilombolas, reconhecendo a importância da narrativa viva na transmissão de conhecimentos. Um método que pode capturar nuances culturais que podem se perder em abordagens mais convencionais (SILVA, 2017).

Os contadores de histórias são a herança viva da ancestralidade. Por meio das estórias, conservam-se a sabedoria e o conhecimento passados de geração em geração. A narração oral da estória é o aspecto essencial para conservar a tradição do mito e da lenda da cultura tribal e étnica do povo negro. Os contadores de história criam um vínculo, uma ponte entre os ensinamentos tradicionais e o momento presente, mantendo a herança da identidade que serve de suporte para as tradições culturais, étnicas e religiosas. (PEREIRA, 2011, pág 2).

#### **4 VOZES QUILOMBOLAS**

Em 1988, a Estação Primeira de Mangueira ecoava em seu samba enredo: “Moço, não se esqueça que o negro também construiu as riquezas do nosso Brasil”. E com este trecho esse artigo reforça nessa etapa a importância de exaltar a cultura quilombola e partilhar de forma clara e precisa, a voz dos quilombolas, refletindo sobre a notoriedade entre seu território e sua cultura.



Nesta etapa do artigo, a proposta é analisar os relatos dos quilombolas a partir dos diálogos obtidos nas rodas de conversa junto a pesquisa de campo, e contrapor com dados da comunidade adquiridos no RTID do INCRA. Nos relatos será utilizado as iniciais do nome dos quilombolas, sexo e idade. A ideia é juntar relatos e o RTID para abraçar elementos importantes e obter um panorama mais real possível.

Nas narrativas dos quilombolas em Paratibe, a partir da pesquisa de campo, é clara a satisfação dos mais velhos em contar suas práticas culturais, e dos mais jovens em observar de longe e algumas vezes achar engraçado ou curioso. E nas rodas de conversa, em alguns encontros, eles se aproximavam e até ajudavam na pesquisa, fazendo questionamentos a seus próprios parentes e vizinhos do quilombo.

Nas rodas de conversa foi notório o coco de roda como uma alegre lembrança para os mais velhos, inclusive, eles ressaltam que essa manifestação cultural era realizada em seu território, mas também, recebiam visitas de pessoas de fora do quilombo.

A gente dançava o coco de roda sempre, tanto em festa normal que tinha por aqui, como em festas de santo, em quermesse. Tinha pessoas que se vestiam já para dançar, ia no centro da cidade e comprava tecidos para fazer os vestidos rodados, todos bem estampados (risos). Hoje ninguém mas faz isso. (A. C. mulher, dona de casa, 38 anos)

Nesse diálogo outra moradora enfatiza que em eventos da comunidade, como o dia da Consciência Negra (20 de novembro), eles recebem visitas de grupos folclóricos de fora da comunidade para realizar as apresentações do coco de roda.

O "coco de roda" é uma expressão cultural originária das comunidades quilombolas e rurais do Nordeste do Brasil, especialmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Bahia. É uma dança de roda acompanhada por músicas ritmadas, geralmente executadas ao som de

instrumentos percussivos simples, como tambores, pandeiros, ganzás e reco-recos, e muito comum em comunidades tradicionais como os quilombos (IPHAN, 2005).

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o coco de roda é uma "dança de pares, praticada por negros e negras, com variações nas coreografias de acordo com a região e a comunidade. As mulheres vestem-se com roupas tradicionais e saias rodadas, movimentando-se com graça e ginga ao som dos tambores" (IPAN, 2005, p. 64).

A preservação e a prática do coco de roda estão diretamente ligadas ao território quilombola. Conforme ressaltado por Mendes, Marciel e Lunas (2015), o território é fundamental para a reprodução cultural das comunidades quilombolas, incluindo a prática de danças tradicionais como o coco de roda.

De acordo com o RTID as músicas do coco de roda eram cantadas nos festejos da comunidade com bastante frequência, é o caso do Coco cantado no “Banho de São João”. Era utilizado a zabumba (bumbo) que marcava o ritmo do puxador, e em seguida cantava um verso e o coro dos dançantes repetia (INCRA, 2012, p. 87).

Entre os festejos havia a Festa de São João que reunia muitas brincadeiras, danças e terminava na madrugada com um banho de rio. A realização do banho de rio, parte integrante no final do evento de São João, era uma espécie de ritual onde se limpava todas as impurezas, como forma de lavar o mal.

O banho de rio era lindo, a comunidade junta entrava na mata e ia seguindo para tomar o banho. Íamos cantando da comunidade até o rio. Sem receio de nada, hoje temos medo da violência. (M. V. mulher, vendedora, 43 anos)

Até as crianças iam, elas não gostavam, mas a gente saia carregando (risos). (A. C. mulher, dona de casa, 38 anos)

Os quilombolas detalharam o banho de rio, contando que eles levavam panelas, latas, e iam fazendo barulho e convidando outros moradores para participar. Durante o banho eles se separavam entre homens e mulheres, e se banhavam cantando e soltando fogos. O “banho de São João”, como era chamado, servia como um batizado, tirando as impurezas e lavando a alma. “O banho de São João era mais do que um banho. Era um ritual coletivo, uma espécie de batismo coletivo. As mazelas eram as doenças e a ideia do banho era purificar e proteger o corpo” (INCRA, 2012, pág. 80).

Meu São João, São João meu, eu vou me lavar, minha mazela, no rio,  
eu vou deixar.

Meu São João, São João meu, minha mazela,  
  
no rio, já deixei...

(Coco cantado durante o banho de São João)

(INCRA, 2012, pág. 78)

Na roda de conversa outro morador conta um relato de seus pais quando vivenciavam as festas de São João:

Tinha aqui a procissão de São Pedro, aí quando terminava a procissão tinha uma quermesse com festa e dança, rapaz... dançavam a noite toda viu. Eles viravam a noite, tomava banho no rio, tomava café junto e só depois iam para casa. (P. S. homem, motorista de aplicativo, 42 anos)

Os festejos de São João, abraçava as comemorações dos santos como São Pedro, Santo Antônio e São João em junho, além desses, havia o de Sant'Ana no mês de Julho. Os quilombolas em Paratibe, utilizavam de seus espaços para realizarem esses festejos, e esses encontros envolviam toda a comunidade e percorriam todo o espaço envolto das casas e dentre as matas. Aconteciam também, o coco de roda, ciranda e procissões.

Foi acabando com o tempo, os mais velhos morrendo e os mais novos não se interessavam. Povo não gosta mas dessas coisas né? Só quer saber de internet. (P. S. homem, motorista de aplicativo, 42 anos)

Pior que nem se quisesse, o rio está poluído, e o acesso bloqueado. O caminho que a gente fazia não tem mas como fazer, tem ruas no meio e a PB008. E aquele espaço particular que apareceu de um dia para o outro. (O. T. homem, comerciante, 53 anos)

Nas conversas fica claro a falta de preocupação que tinham em caminhar pelo território, os quilombolas andavam para todos os lugares, adentravam na mata, entravam na casa de um e de outro, colhia as frutas, rezavam juntos e se confraternizavam.

Era muito natural todo mundo se juntar aqui na frente, era nosso quintal, de todo mundo. Aqui a gente cantava, brincava, jogava bola, jogava capoeira, brincava e ciranda. A gente era uma família, e nosso contato era aqui no terreiro, que hoje a gente chama de quintal. (P. S. homem, motorista de aplicativo, 42 anos)

Hoje a gente usa ainda esse espaço, mas não como antes. A criançada pratica esporte, a gente fica conversando, mas algumas coisas se perderam como a ciranda. (A. C. mulher, dona de casa, 38 anos)

Os quilombolas destacam também a capoeira como um instrumento cultural importante para a comunidade, mas deixam claro que sua prática é bem mais recente do que a ciranda e o coco de roda. Eles relatam que um professor de capoeira não quilombola começou a desenvolver aulas para a comunidade e assim transformou a prática da capoeira mais comum entre os moradores do quilombo.

Eles viam com mais frequência, hoje vem um duas vezes na semana. E de vez em quando some também (risos). Não são daqui, é de outro lugar, dá aula em outros lugares também. (M. S. mulher, dona de casa, 62 anos)

É mais certo encontrar com eles em dia de apresentação, eles sempre vêm, e dançam aqui mesmo na terra, no nosso quintal. Ou aqui na

parte calçada. E treinam na escola ou no ginásio aqui perto. (R. S. mulher, professora, 29 anos)

Os quilombolas de Paratibe falam sobre seu território com muito amor de força, e deixam claro a interferência da cultura de fora dentro do quilombo.

Antes não podiam se casar com pessoas de fora do quilombo, isso até antes da minha mãe. Mas com o tempo foi liberado. E fora isso, a gente esta dentro do Valentina né? Então, é como se fosse, tudo a mesma coisa. (M. S. mulher, dona de casa, 62 anos)

O povo aqui mesmo do quilombo tem vergonha de suas raízes, e muito deles venderam suas terras para outras pessoas que não são do quilombo. Ai pronto, são pessoas sem apego nenhum a nossa terra. (R. S. mulher, professora, 29 anos)

Primeira coisa que fizeram foi levantar os murros e colocar cerca. (M. S. mulher, dona de casa, 62 anos)

De acordo com o INCRA (2012), a comunidade demonstra preocupação com as atividades culturais e de subsistência do Quilombo de Paratibe, relatando que muitas das práticas desse grupo foi se perdendo, como o banho de rio, a coleta de frutos, a pesca, a agricultura, o acesso as praias, coagidos com a poluição, o avanço da urbanização de João Pessoa com novos loteamentos, granjas e chácaras que envolvem e comprimem o pouco verde que ainda resiste.

Transformar o território quilombola, é transformar sua cultura. Essas manifestações culturais citadas pelos quilombolas, só passam a existir e se manter com a interação do homem com a natureza. Essa relação dá origem a uma série de códigos, sinais e condutas que identifica a comunidade, e faz surgir atributos simbólicos e imaginários da comunidade com o território (SCHMITTI, 2009).

Territórios de comunidade tradicionais, como a Comunidade Remanescente Quilombola de Paratibe, apresentam uma relação com seu espaço físico diferenciada e particular. Muitas vezes atrelamos aos quilombolas seu contato

com a terra, mas além disso, existe a relação com os aspectos imateriais. O território desempenha o papel fundamental nas manifestações culturais da comunidade, território este, que carrega significados, tradições e ancestralidade.

Segundo J. S., líder da associação da Comunidade Quilombola Paratibe, a urbanização dificultou os acessos e liberdades dos quilombolas, mesmo lugares que continuam com acessos, os moradores tem medo da violência. J. S. ressalta a prática das quadrilhas juninas que não conseguem mais realizar. Ela conta que era prática comum pegarem a madeira e as folhas de coqueiro para fazer as palhoças das quadrilhas, hoje não tem mais acessos para praticarem essa tradição.

Tínhamos aqui, uma trilha, que as pessoas cultuavam os seus orixás, não temos mais acesso. Essa mata tem história, uma vivência, e eu sempre alerta que a gente tem que ter respeito, tem que saber entrar e também saber sair, e não ficar discriminando. (J. S. mulher, líder quilombola da comunidade)

J. S. relata com muito amor sobre o território de sua comunidade e sobre a coletividade nas atividades culturais, mas ao mesmo tempo, menciona comportamentos de próprios moradores que vendem suas terras para o mercado imobiliário e enfraquece o movimento quilombola da comunidade.

A gente está tentando resgatar o nosso território, pra ver se ainda consegue manter a existência da comunidade, da população em si, constatando que é uma necessidade muito grande deles de permanecer aqui. (J. S. mulher, líder quilombola da comunidade)

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa contribuiu para os quilombolas olharem para si e rememorarem suas lindas lembranças, e enxergar seu território com ainda mais amor e representatividade. Mas não podemos deixar de lado a fragilidade do quilombo dado o avanço do desenvolvimento urbano para dentro do território,

ameaçando a ligação dos quilombolas com a terra que vai além da sobrevivência e se expressa em uma relação cultura.

Foi possível também, realizar uma reflexão sobre como as formas de ocupação quanto a relação com o espaço dependem dos valores culturais a partir dos interesses dos grupos. Ao reconhecer a interconexão entre cultura, território e pesquisa oral, este artigo ressalta a relevância de abordagens participativas e colaborativas na investigação e preservação do patrimônio cultural das comunidades quilombolas.

Este artigo reforça então, a preocupação em proteger e manter o território da Comunidade Remanescente Quilombola Paratibe, frente a este avanço urbano que tanto ameaça o quilombo. Importante enfatizar também que este território, mesmo estando hoje em área considerada urbana, ainda resistem carregando com eles uma vida ligada intimamente com a terra.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Alfredo W. B. **Terra de quilombo, terras indígenas, "babuçais livres", "castanhas do povo", faxinais e fundo de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2. ed. Manaus: PGSCA - UFMA, 2008. 192 p.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm). Acesso em 20 de março de 2024.

BONNEMAISON, J. e CAMBREZY, L. **Le lien territorial: entre frontières et identités**. Géographies et Cultures (Le Territoire) n. 20 (inverno). Paris, L'HarmattanCNRS, 1996.

CAVALCANTE, Y. Y. L. **Paratibe: herança quilombola e reorganização do espaço agrário-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia de Graduação em Geografia) Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, 2007.

FERREIRA, F. C. **Direito à moradia e territorialidade quilombola na cidade de São Paulo: uma análise da comunidade Ivaporunduva**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo, 2018.

GOMES, Márcio Pereira. **Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura**. São Paulo: Contexto, 2013.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Conferência, setembro de 2004.

INCRA. Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA Superintendência Regional PARAÍBA. **Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola de Paratibe (RTID)**. João Pessoa, PB, 2012.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Registro do Coco de Roda como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, DF, 2005. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RPB\\_05.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RPB_05.pdf). Acesso em 11 de março de 2024.

**Iphan assina Portaria de Tombamento dos Quilombos no Dia da Consciência Negra**. Jornal Voz Ativa, 2023. Disponível em: <https://jornalvozativa.com/noticias/iphan-assina-portaria-de-tombamento-dos-quilombos/>. Acesso em 02 de março de 2024.

**Iphan propõe tombamento constitucional de documentos e sítios históricos de antigos quilombos**. Gov.br, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/iphan-propoe->



tombamento-constitucional-de-documentos-e-sitios- historicos-de-antigos-quilombos. Acesso em: 20 de março de 2024.

JÚNIOR, Manuel Diégues. **Regiões culturais do Brasil**. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, INEP, Ministério da Educação e Cultura, 1960.

KUPER, A. **Culture: the anthropologist's account**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

MENDES, N. S., MARCIEL, D. P., & LUNAS, D. A. L. (2015). **Cultura e território: uma relação de poder com o espaço dominado**. Revista Espacios, 36(8).

MUNANGA, Kabengele. **Redescobrir a cultura africana no Brasil**. São Paulo: Global, 2017.

NASCIMENTO, R. A. **Entre territórios urbanos e rurais: processos de territorialização quilombola no Brasil contemporâneo**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

OLIVEIRA, Fernando B.; D'ABADIA, Maria Idelma V.; **Territórios quilombolas em contextos rurais e urbanos brasileiros**. *Élisée*, Rev. Geo. UEG – Anápolis, v.4, n.2, p.257-275, jul. /dez. 2015. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/viewFile/3712/2822> . Acesso em 2 de março de 2024.

PATEO, Rogério Duarte. **Direitos Humanos e Cidadania - Proteção, Promoção e Reparação dos Direitos das Comunidades Tradicionais**.V.13. Belo Horizonte: Marginália Comunicação, 2016.

PEREIRA, D.B; PENIDO, M. de O. Conflitos em empreendimentos hidrelétricos: Possibilidades e impossibilidades do (des)envolvimento social. In: ZHOURI, A.;LASCHEFSKI,K.(Org.). **Desenvolvimento e Conflitos Ambientais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Pereira, A. B. (2011). **Metodologia da Pesquisa Científica: Teoria e Prática**. Editora Atlas.

POR G1 PB. **Menos da metade da população que mora em territórios quilombolas da PB se considera quilombola, diz IBGE**. Portal G1. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/27/menos-da-metade-da-populacao-que-mora-em-territorios-quilombolas-da-pb-se-considera-quilombola-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 07 de março de 2023.

SCHEREN-WARREN, I. **Ações coletivas na sociedade contemporânea e o paradigma das redes**. In: Sociedade e Estado. Volume XIII, número I: EDUNB, pp. 55-70. 1998. 75.

SCHMITTI, A; TURATTI M; CARVALHO, M. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas**. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/asoc/n10/16889.pdf>. Acesso em 18 março de 2024.

Silva, E. V. **Quilombos: Identidade e território**. Editora Appris, 2017.

Silva, P. **A Resistência Negra à Escravidão no Brasil**. Revista de História, 162, 135-162, 2010.